

Joaquim Viegas, construtor e reparador náutico

“São Miguel já reclama por uma nova marina onde se pense grande e não pequeno”

POR RUI LEITE MELO

Entre o cheiro a madeira tratada, o som metálico das ferramentas e o reflexo da luz sobre o casco dos veleiros atracados na Marina de Ponta Delgada, trabalha diariamente Joaquim Viegas, um dos construtores e reparadores náuticos mais experientes da ilha de São Miguel. O seu estaleiro, junto ao Clube Naval, é ponto de paragem obrigatória para embarcações de recreio, iates estrangeiros e barcos de pesca que necessitam de manutenção, reparação ou adaptações urgentes antes de seguir viagem.

Num ofício exigente e cada vez mais raro, Joaquim Viegas lida com as dificuldades do sector — desde a escassez de mão-de-obra especializada à demora na chegada de peças e materiais —, mantendo viva uma arte que combina técnica, paciência e um profundo conhecimento do mar. Nesta conversa, partilha os desafios de quem repara o que o mar danifica, as histórias de avarias improváveis e o orgulho em continuar a trabalhar num dos ofícios mais antigos e essenciais da vida marítima açoriana.

Há quantos anos trabalha na construção e reparação náutica e como começou a sua ligação a esta actividade?

Trabalho na manutenção náutica a mais de 15 anos. A minha ligação a este sector começou por “culpa” do meu pai, que é engenheiro naval, pelo que sempre estive ligado ao mar. Aliás, o meu pai, como os meus irmãos e eu próprio, estivemos durante muitos anos, ligados à competição na Vela.

Que tipo de embarcações procuram mais frequentemente os seus serviços?

As embarcações que mais procuram os meus serviços são todas as de marítimo turístico, desde o mergulho aos passeios de observação de cetáceos, iates e outros veleiros, também.

Quais são as principais dificuldades que encontra no exercício da profissão, tanto em termos técnicos como logísticos?



As grandes dificuldades em termos técnicos e logísticos são vários.

A maior ilha dos Açores, São Miguel, por incrível que pareça, não tem um espaço reservado para a náutica de recreio, marítimo turística e iates fazerem as suas manutenções. O espaço que existe é pequeno e foi criado numa zona perigosa, pois o mar já por diversas vezes saltou o molhe de protecção, fazendo estragos nas embarcações. Tal foi alertado pelo engenheiro da obra aquando da construção da primeira marina, que alertou que esta zona não poderia ser zona de alagem de embarcações por ser perigosa.

Por outro lado, o *travel lift* que existe em Ponta Delgada, para além de estar obsoleto, é muito pequeno, pelo que muitos barcos que não conseguem sair da água optam por outros países. Tal facto já ocorreu várias vezes com clientes meus que foram reparar as embarcações noutros locais, inclusive em Marrocos.

Não existem alternativas?

Os outros *travel lift* que existem na ilha pertencem à Secretaria Regional das Pescas e são operados pela Lotação. O Travel de Vila Franca do Campo é o único que levanta mais de 50 toneladas, mas devido a falta de espaço apenas é autorizado, mediante pedido, para três dias de manuten-

ção, contando com o dia de tirar da água e por na água. Mas saliento que no passado foi autorizado mais dias para reparações urgentes.

O *travel lift* de Rabo de Peixe tem capacidade para 75 toneladas, mas como está a usar pneus que não são próprios apenas levanta 30 toneladas.

A disponibilidade de materiais e peças de substituição continua a ser um problema nas ilhas? Quanto tempo demora, em média, a obter o que precisa para uma reparação mais complexa?

Actualmente, os materiais para a náutica levam em média duas a três semanas a chegar à ilha. Este é o preço a pagar pela insularidade.

E quanto à mão de obra? Há jovens a interessar-se por esta área ou começa a faltar quem saiba trabalhar em reparações náuticas?

Existe muita falta de mão de obra nesta área como em outras.

O custo das reparações tem vindo a aumentar nos últimos anos? Que factores mais pesam na conta final para o proprietário da embarcação?

Vários factores pesam para o aumento dos custos para os proprietários, como é o constante aumento dos produtos destinados a náutica.

Quais são os tipos de avarias mais comuns nas embarcações que aportam à Marina de Ponta Delgada?

As avarias nas embarcações que chegam a Ponta Delgada são diversas, mas saliento as avarias no motor, velas rasgadas, mastros partidos e rombos no casco.

Pode recordar algum caso de reparação particularmente difícil ou marcante, um desafio técnico que exigiu engenho ou improviso?

Uma das reparações mais desafiantes que fiz, tanto ao nível logístico como técnico, foi a recuperação total da embarcação “Ariel”, na ilha das Flores, depois da passagem do furacão Lourenço.

As condições da marina e do porto

de Ponta Delgada são adequadas para o trabalho diário de manutenção e reparação? Que melhorias considera necessárias?

A marina de Ponta Delgada não tem condições para a manutenção náutica e com o aumento de embarcações o serviço de apoio está cada vez pior. No passado, a marina tinha um operador de *travel lift* a tempo inteiro e podia funcionar todos os dias mas agora estamos apenas com dois dias por semana e carente de agendamento prévio. Mais saliento que todas as restantes ilhas estão equipadas com gruas de 7.5 toneladas de uso livre para pescadores e população em geral mas em Ponta Delgada apenas existe uma grua de 3 toneladas e esta, obsoleta, é pertença do Clube Naval que tem que se pagar.

Com o aumento do turismo náutico nos Açores, sente maior procura pelos seus serviços? Há períodos do ano em que o trabalho se torna mais intenso?

Sim, com o aumento do turismo náutico, o trabalho aumenta, em particular de Outubro a Março, na época baixa.

A meteorologia e a humidade do ambiente marítimo açoriano representam desafios adicionais para a conservação das embarcações?

O nosso clima e muito desafiante para a manutenção náutica tanto pela humidade como pela chuva mas mais do que isso: a nossa ilha já reclama por uma nova marina onde se pense grande e não pequeno. A Lagoa tem a melhor e mais segura baía para se criar essa marina. Falo do concelho de Santa Cruz. Para tal tem que haver vontade política, e que se fale com diversas pessoas do sector.

São Miguel nem devia estar presente nos salões náuticos do sector pois, perante os outros países que estão representados, com as suas marinas e espaços de manutenção náutica, inclusive espaço de hibernagem de embarcações, nós somos uma vergonha. De salientar que somos as únicas ilhas no meio do atlântico onde a falta de investimento no sector é gritante.

*jornal@diariodosacores.pt

